

Vem, Espírito Criador

Este artigo é idêntico com o capítulo VI do meu livro **O Risco do Espírito – um estudo pneumatológico**, que está sendo publicado pela Editora Sinodal, em São Leopoldo. Uma vez que no fim de 1977 voltarei para Alemanha, gostaria de expressar também neste lugar o que escrevi no prefácio do livro mencionado: saúdo cordialmente e com gratidão a todos com os que pude, desde 1971, conviver, trabalhar e aprender, aqui no Brasil.

Hermann Brandt

1. O risco de renunciar à auto-afirmação

A oração pressupõe aquele a quem ela se dirige. Simultaneamente, esta oração representa uma confissão, por parte de quem a ora, de total dependência daquele a quem ora, uma confissão da impossibilidade de forçar uma resposta positiva a esta súplica. Quem ora pela “vinda” do Espírito Santo, sabe também que ele mesmo não tem nada para motivar esta vinda. Esta confissão na oração pela vinda do espírito apresenta conseqüências práticas. Ela constitui o fim de todas as tentativas de auto-afirmação humana. Por isso é tão difícil, sim, impossível, orar neste sentido. Onde uma tal oração ocorre, ela é suscitada pelo próprio espírito de Deus. Orar pelo espírito de Deus não significa outra coisa senão que Deus mesmo está operando em nós. É obra sua quando desistimos do esforço de nos auto-afirmar diante dele. É obra sua quando a nossa oração não se transforma em uma forma sutil de auto-afirmação.

Mas exatamente a oração “Vem, Espírito Criador” não é uma oração individual a ser efetivada em um cubículo silencioso, mesmo que cada oração tenha também um elemento individual, pois não existe uma oração real que não toque o meu “eu”. Mesmo assim – a oração “Vem, Espírito

Criador” foi composta como um hino para a **comunidade cristã** e é cantada até hoje pela cristandade em seus cultos. Não queremos discutir já aqui o que esta oração diz sobre o poder criativo de Deus, mas queremos perguntar o que **esta oração pela vinda do espírito significa para a Igreja cristã**. Ela significa principalmente a confissão da Igreja de que ela depende do espírito ou, expresso de uma forma mais precisa, que ela não dispõe sobre o espírito divino. O significado concreto disso podemos expor agora como um acréscimo àquilo que dissemos no cap. I e no cap. II, 1 sobre o Espírito Santo como um fenômeno ameaçador. Restringir-nos-emos a suscintas observações.

A oração pela vinda do espírito divino confessa que a Escritura em si, mesmo que a chamemos de “santa”, mesmo que fundamentemos dogmaticamente a sua santidade, não é suficiente. Apenas a vinda do espírito a torna “fundamento” da fé. Orar pelo Espírito Santo significa: explicar que cada dogmática eclesiástica permanece morta enquanto o espírito não a vivificar. A letra da Escritura assim como a letra da doutrina eclesiástica são declaradas insuficientes quando a Igreja — ainda que ela tenha a Bíblia, os dogmas e as confissões — ora por esta vinda do espírito. E ela também faz isto em relação aos sacramentos, principalmente nas igrejas ortodoxas do oriente. Com isso ela diz implicitamente: os sacramentos em si permanecem ritos vazios, formalismo morto, a não ser que o espírito lhes inspire vida. Por mais elevadas que sejam as palavras com que se louva a “peculiaridade” do sacramento, por mais que se enfatize sua instituição por Cristo, por mais que se sublinhe o significado soteriológico do sacramento (por exemplo, através da vinculação do sacramento a um clérigo consagrado ou ordenado por Deus, ou através da interpretação do sacramento como uma “matéria celeste”) — o sacramento permanece “nada” sem o Espírito Santo. Onde a Igreja considera necessário, “apesar” de ser Igreja, “ainda” orar pela vinda do espírito, onde ela continua orando “Vem”, séria e honestamente e não apenas porque se canta e ora “Vem” já há mil anos — ali ela diz: tudo o que constitui a Igreja em sua concreticidade visível: suas orações e sua cúpula, sua administração e sua prédica, suas tradições e seu engajamento político, seu ensino e seus sacramentos, sua poimênica e suas finanças, seus membros eminentes, suas instituições de formação teológica, sua música sacra e sua reputação — tudo isto representa **nada** diante de Deus. E porque tudo isto não é

nada diante de Deus, de nada vale à Igreja significar algo como instituição diante dos homens. Este é o lado nada "edificante" da súplica pela vinda do espírito. Pois a oração da Igreja pela vinda do espírito expressa com toda a radicalidade que ela mesma não possui absolutamente nada em que se pudesse basear para afirmar que ela é "alguma coisa". Onde a Igreja ora pelo espírito, ali os membros confessam: nós não temos "identidade"; é verdade que temos nossas tradições, nossos hinos, nossa teologia, nossos Pais da Igreja, nossos programas sociais, mas tudo isso não demonstra nossa identidade como Igreja de Jesus Cristo. Oramos pelo espírito para que ele torne verdadeiro e real aquilo que nós, como discípulos de Jesus, queremos ser e fazer.

Se já é incrivelmente difícil para um cristão individual abrir mão de si na súplica pela vinda do espírito, então quão mais difícil isto deve ser para uma instituição! Que impressão deve causar na opinião pública a nossa afirmação de que nós, com tudo aquilo do qual dispomos, dependemos fundamentalmente daquilo do qual não podemos dispor! E que impressão isso suscita nos membros! Que impressão uma tal declaração por parte da cúpula da Igreja faria aos pastores, e mais ainda, que impressão tal declaração causaria aos "leigos" se partisse dos pastores? Este risco não é muito grande? Não há o que objetar à súplica pelo Espírito Santo — mas **nesta** forma? Pois não é preciso expressar com tanta clareza a radicalidade das conseqüências desta oração. Afinal, trata-se "apenas" de uma oração... Exatamente! A oração séria é a coisa mais radical do mundo. E a oração pela vinda do espírito é a oração por excelência. Orar real e seriamente pela vinda do espírito, não é outra coisa senão a declaração da capitulação da Igreja, a documentação de sua impotência. E quem dirá que é fácil declarar e tornar pública a própria impotência? Um membro do presbitério, um bispo, um pastor, uma diaconisa, um professor de Teologia, uma presidente da OASE? Difícilmente! Trata-se de um grande risco, e correr este risco seria loucura. Sim, este empreendimento é uma loucura se não for sustentada pela inexplicável confiança: por causa de tua palavra nós o fizemos. Exatamente isto constitui a presença do Espírito Santo, do espírito de Cristo.

A Igreja ora pela vinda do espírito e confessa assim que a sua existência como Igreja de Jesus Cristo é criação do espírito. Ela confessa isso como uma comunidade composta

por pessoas que pertencem a todos os povos da terra. O evento de Pentecostes criou a "ecumene" — cf. At 2, 9-11. O fato de existir uma comunidade internacional constituída por aqueles que oram pela vinda do espírito e que, com isso, declaram que não se encaram como fundamento e afirmação da Igreja de Cristo — isto não é nada mais do que um gigantesco **protesto**. Um protesto contra uma concepção segundo a qual uma língua vale mais do que uma outra. Um protesto contra o orgulho de pertencer a um determinado povo, um protesto contra o desprezo votado aos outros povos. A oração da Igreja universal pela vinda do espírito é mais do que um "programa" anti-racista — ela é a declaração concreta da anulação de qualquer ideologia de superioridade racial. Quando cristãos dos quatro pontos cardeais, quando "comunistas" e "capitalistas", quando homens que vivem nas mais diferentes ideologias políticas, invocam o espírito, temos a subversão concretizada. É revolucionário que o espírito, e não um determinado sistema social, fundamente e oriente a Igreja.

O fato de sua vinda decidir **tudo**, significa uma radical relativização de todos os nossos valores. Então o "estar com saúde" não representa um valor superior ao "estar doente", a honestidade e a virtude burguesa não são superiores à anarquia e ao vício, então se torna altamente questionável se a ordem é algo "bom" e a insurreição algo "ruim"; se a tradição é preciosa e a utopia ilusória. Começa a vacilar a identidade de indivíduos e de povos, de ideologias e de ordens sociais. Quando se ora no "mundo" pela vinda do espírito, então estas cousas perdem o seu significado e, conseqüentemente, o seu caráter antagônico.

É verdade — apenas raramente o "mundo" percebe na oração da cristandade pelo espírito a voz do protesto. Demasiadas vezes a Igreja de toda a parte se encontra aliada ao sistema de "seu" povo e de sua língua, às finanças de sua sociedade, à ideologia política em que ela vive. Com demasiada freqüência a Igreja apenas reproduz os ideais e os valores de seu contexto atual — ou de outrora. As vestimentas litúrgicas das Igrejas católica e ortodoxa são uma cópia da vestimenta dos oficiais do império romano, o talar é uma cópia da vestimenta do professor universitário; a vestimenta "a-litúrgica" do pastor reflete a burguesia bem vestida ou o ideal da informalidade, do sentir-se à vontade... Mas que bom se isso fosse tudo...

Como é difícil para as comunidades enxergar para além de seus próprios interesses (equilíbrio financeiro intra-eclesiástico(!)). Pois não é sempre que o contexto em que a Igreja vive lhe impõe a sua forma. Naturalmente, onde existe a separação entre Igreja e Estado, a Igreja só pode se organizar como uma sociedade. Mas quantas vezes a Igreja vai além e pensa que deve, em nome do cristianismo, defender o sistema oriental contra o ocidental e vice-versa. Quantas vezes ela espera receber a sua sobrevivência e sua identidade através de uma adaptação ao contexto, tentando mostrar-se como garantia da ordem vigente, como "um fator de uma futura comunidade mundial", como facilitador da comunicação, etc.

Mas ela não é obrigada a fazer tudo isso? Como ela poderia ser ativa se não o fizesse? Ela não coloca em perigo as suas possibilidades e sua missão se ela não calcula e se orienta pelas "condições existentes"? Ela não colocaria em risco a sua própria existência se não o fizesse? Sim, efetivamente ela correria este risco. Ela arrisca a sua própria existência onde ela leva a sério a oração pelo espírito e onde esta oração é ouvida no mundo como aquilo que ela verdadeiramente é: um veemente protesto. Este protesto cria para a Igreja um perigo interno: não constitui este protesto, em última análise, a expressão de uma atitude "derrotista" que apenas vê o negativo e não o "bom" e os "sucessos" da Igreja? Mas orar pelo espírito apesar destes sucessos, apesar do positivo, significa exatamente isto: declarar como nulos estes sucessos, estas coisas boas, significa a declaração da impossibilidade de extrair deles o direito e o sentido para a existência eclesiástica. Onde também esta Igreja exitosa não cessa de orar pelo espírito, ali ela se coloca a si mesma em jogo.

Mas o protesto da oração pelo espírito também coloca para a Igreja um perigo **externo**. E isto não apenas porque ninguém quer ouvir uma sociedade que não tem nada a apresentar, mas principalmente porque constitui uma intolerável provocação aos poderosos do mundo que haja em meio aos seus povos, seus sistemas e seus blocos, pessoas que não respeitam nenhum destes limites. Também aqui a oração pela vinda do espírito representa uma clara provocação. Ela rompe os limites das esferas de influência militar. Ela relativiza o amor à pátria. Ela destrói a possibilidade de uma "total identificação" com o governo — ou com a oposição —, e com isso ela pode negar, talvez contra a vontade de ambos,

a incompatibilidade de governo e oposição. Onde um comunista russo ora pelo espírito, ele não está em condições de considerar o "ocidente" mais ímpio do que ele próprio. Onde se ouve em uma igreja brasileira a súplica pelo espírito, ali está implícito o protesto contra a diabolização dos socialistas. Raramente se aceita um tal nivelamento dos opostos políticos e ideológicos vigentes. Uma Igreja que torna claras estas conseqüências de sua oração pela vinda do espírito, se torna necessariamente um "espinho na carne" para qualquer sociedade, seja em um nível local ou nacional. E a sociedade reage. Raramente ela o faz com a perseguição aberta da Igreja. Com mais freqüência (e com mais eficiência) ela reage tentando solapar aos cristãos a força para protestar, e isto através de múltiplas ofertas, privilégios financeiros, reconhecimento e reverência a representantes eclesiásticos, organização de "atos ecumênicos", etc.

Tudo isto **pode** ser feito pela sociedade, pelo estado, pelas autoridades eclesiásticas de uma forma honesta e na melhor das intenções. Aqui não queremos falar sobre isto, mas sobre a facilidade e o prazer com que nos sujeitamos a tudo isto. E, afinal, temos bons argumentos "cristãos" para tais ações — pois todos estes contatos, o respeito, o privilégio que gozamos —, favorecem a causa da Igreja. Assim pensamos. E quase não ousamos orar a súplica pelo Espírito Santo como protesto radical, como distanciamento fundamentado em princípios. Será que esta oração pela vinda do espírito deve realmente tocar todas estas esferas da vida pública e, por cima, de uma forma tão crítica que não se deixa acomodar e identificar?

Mas se não temos retórica vazia, mas efetivamente uma confissão quando a Igreja diz que deve a sua existência não a um homem, a uma ideologia, a um sistema econômico, mas **unicamente** à obra do Espírito Santo, e se ela de fato vive esta confissão em sua realidade, em seu contexto, tornando-a pública — então não é possível compreender estas palavras senão como um protesto contra todas as tentativas de se auto-afirmar, de se vangloriar — com a nação, o município, o clube, o status social, as opiniões, as realizações. Orar pelo espírito de Deus significa um protesto concreto contra a teoria e a prática segundo as quais devemos, por vivermos no mundo, também receber a nossa vida deste mundo. Quem vive daquela realidade que não é deste mundo e quem ora por sua vinda, já **protestou** com isto praticamente contra todas as outras ofertas, modalidades e coerções que

tentam orientar as nossas vidas. Neste sentido a existência da Igreja é um constante protesto. Neste sentido a sua existência representa um constante risco tanto para ela mesma como para aqueles que são provocados por este inconformismo da Igreja. Ou será que este risco realmente não é tão grande para a Igreja? Pois na sua história de altos e baixos ela **também** experimentou a verdade da afirmação: minha força alcança a perfeição na fraqueza. Ela deveria saber que foi na impotência que ela se revelou mais forte, e que exatamente nos tempos de sua perseguição ela se mostrou com mais vida. Nós aqui não estamos impotentes; nossa Igreja não é perseguida. Tanto mais necessário se torna para a Igreja orar pela vinda do espírito e jamais esquecer quão radical é o protesto implícito nesta oração.

Orar pela vinda do espírito significa, portanto, que a Igreja e os cristãos devem desistir de se auto-afirmar diante de Deus, seja na esfera individual, seja no amplo âmbito social. Esta renúncia é o protesto prático contra toda ideologia de auto-afirmação, o protesto contra toda auto-afirmação da ideologia. Pois ideologia é auto-afirmação, assim como, inversamente, qualquer auto-afirmação suscita ideologia. Este protesto converte a vivência cristã em uma existência sob o risco.

Com isto apenas expressamos em palavras diferentes o que Jesus diz aos seus discípulos quando os envia ao mundo, ou seja, que eles são como ovelhas no meio de lobos (Mt 10). Existe um risco maior do que ser mandado desarmado ao mundo de lobos? Mas isto aparenta ser um risco real apenas para aquele que analisa este risco "teoricamente". Aquele que parte baseado na palavra do Senhor, aquele que experimentou a vinda do espírito, este sabe que não precisa temer qualquer risco. Nenhum "lobo" pode separá-lo do amor de Deus em Cristo. Aquilo que para outros parece e precisa parecer uma loucura, ou seja, colocar em jogo a própria existência, mudou agora de figura para ele. A presença do espírito pode criar vida e não constitui, portanto, um risco, mas a criação de novas condições de vida pelo espírito. A oração pelo espírito, a nossa renúncia à auto-afirmação, é ela mesma obra de Deus. A desistência de nos auto-afirmar não é condição para a vinda do espírito. Pelo contrário: **porque** o espírito vem, **por isso** o fim de nossa auto-afirmação é possível — como ruptura para a vida.

Mas ele **realmente vem?** Esta pergunta é o risco propriamente dito da existência cristã e eclesial. Este é o

verdadeiro risco diante do qual todos os outros riscos são insignificantes. A terrível possibilidade da ausência do espírito divino — ela é o motivo fundamental da oração “Vem”. A possibilidade da não-vinda do espírito constitui o risco por excelência da fé cristã e é, simultaneamente, o terreno em que crescem todos os riscos dos quais falamos. A possibilidade da ausência do espírito constitui uma ameaça e fomenta os esforços de firmar a fé cristã e a Igreja de uma forma que garanta e vincule a presença do espírito. Vimos que estas tentativas de prender o espírito e tornar impossível a sua ausência, eram e são infrutíferas. O que realmente podemos “fazer” é apenas orar: “Vem”.

Isto nos parece tão pouco. Isto parece ser nada — e é, porém, a nossa ruptura para a vida. É a ruptura do espírito em nós mesmos. É a ruptura daquele que se afirmou em seu filho — não contra nós, mas cuja auto-afirmação inclui simultaneamente a nós. Exatamente isto já aconteceu ali onde oramos pela vinda do espírito: ele já está presente e operando em nós. A nova criação principiou.

2. A auto-afirmação da nova realidade ou a presença do criador.

A oração pela vinda do espírito não é outra senão a expressão de que *ele cria do nada*. A negação implícita nela tentamos explicitar anteriormente — a negação de todas as tentativas de se auto-afirmar diante de Deus como cristão e como Igreja. Afirmamos que é o contrário que ocorre: Deus mesmo nos afirma na medida em que ele se afirma. O seu afirmar, porém, não é uma mera “afirmação”, mas é idêntico a um ato criativo. “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33,9). Também aqui não temos uma teoria abstrata. Pelo contrário — e para isso já aponta o fato de termos citado um Salmo — trata-se do louvor daqueles que participam eles mesmos na criação de Deus. Pois apenas compreendemos realmente o que significa o nome “criador” quando relacionamos o ato criador de Deus a nós mesmos.

Pois foi isto que o Antigo Testamento fez. Apenas aparentemente ele fala do ato criador de Deus como de um acontecimento que tomou lugar no início dos tempos, na primeira página da Bíblia. E mesmo que as afirmações do Antigo Testamento também reflitam sobre a criação, sim, mesmo que em parte apresentem um caráter científico, elas são, em primeira linha, confissão atual do agir criativo de Deus. Podemos dizer com justiça: também o Antigo Testamento

mento compreende a criação de Deus como criação do nada. A experiência elementar com Deus que constitui o cerne do Antigo Testamento é o ato libertador de Deus, a salvação da opressão do Egito. O hino de Miriam (Ex 15, 20 s.) é o testemunho mais direto e mais impressionante deste ato libertador de Deus e da constituição de Israel do "nada" através de Deus. As afirmações dos Salmos, de Jó, dos profetas e, finalmente, também de Gn 1 e 2 já pressupõem esta salvação. Por isso elas historicamente também são mais recentes, — assim como em uma árvore os círculos externos são mais recentes do que os internos. Mas assim como o júbilo pela libertação por Deus, assim também as afirmações veterotestamentárias sobre a criação apresentam sempre um caráter existencial.

Falar adequadamente sobre a criação significa glorificar o criador e suas obras. Lutero expressou isso de uma forma incomparavelmente concisa em sua explicação do primeiro artigo "... que Deus me criou" — apenas então o louvor se apossa das outras criaturas e se estende até o início da criação. Neste sentido a expressão Deus Criador jamais aponta para um passado longínquo, mas afirma algo sobre a relação de Deus comigo e com o mundo. Sobre a natureza desta relação — que ela é estabelecida por Deus e que ele ainda hoje a cria do "nada" — sobre isto já falamos.

Em Cristo Deus se definiu de uma vez para sempre e de uma forma nova em sua relação comigo, com os homens e com o mundo. A confissão cristã do novo ato criador de Deus é radicalmente negativa e positiva. Deus não se revela como criador da vida nova conservando a velha que está em perigo. Que Deus é o criador, isto não tem, como no Antigo Testamento, o seu fundamento na experiência de Israel permanecer com vida também no maior dos perigos, por maior que seja este milagre. A ressurreição do Cristo morto, este é o ato criador radicalmente novo de Deus. Radical — a criação da vida — contra a morte. No êxodo Israel permaneceu vivo porque os egípcios morreram. A morte dos inimigos foi o preço para a sobrevivência dos salvos. Em Cristo a morte mesma é reconhecida como o perigo propriamente dito. Não a morte de nossos inimigos, mas a morte do Filho de Deus é o preço para a nossa vida. Não os homens pagam este preço, mas Deus mesmo. E assim a própria morte é morta, por amor a nós. O ressuscitado, o vivo, se torna nosso Senhor. Na ressurreição do crucificado iniciou-se a nova criação. Por estarmos em Cristo ela já iniciou para nós, nós

participamos da nova realidade. "Deste modo, se alguém existir em Cristo – tornou-se nova criatura ("criação"). O antigo já passou – nova realidade se fez" (2 Co 5,17). A pericope a que pertence este texto – 2 Co 5, 14-21 – foi em 1975, pela agenda das igrejas luteranas, o texto da prédica para a sexta-feira santa. Um exemplo que mostra que também uma "prescrição" eclesiástica pode ser testemunho do evangelho. Escolher este texto para a prédica da sexta-feira santa significa que se reconheceu a radicalidade da nova criação em Cristo. Significa que "a sexta-feira santa é o início da Páscoa – não só no calendário eclesiástico, mas também na existência cristã."

Deus estava em Cristo. A morte está vencida. Vida nova rompeu para nós. O fato de nós participarmos desta nova criação, de ela tornar-se *nossa* realidade, nos leva a chamar o *espírito de Criador*. Ele é o criador desta nova realidade, porque Deus instituiu em seu filho, o crucificado e o ressuscitado, a sua palavra da reconciliação. Assim o espírito, como o *espírito de Jesus Cristo*, é o Criador. O espírito de Cristo é criativo; ele cria vida na morte. Ele concede poder criativo aos impotentes. Ele faz com que aqueles que nada possuem, a não ser miséria e tristeza, enriqueçam e alegrem a muitos. Ele cria esperança para aqueles que perderam toda a esperança (cf. 2 Co 6). O espírito é criador no sentido de Cristo, porque ele não caia a "cruz", porque ele oferece resistência aos poderes da negação. Mas exatamente nisso ele revela seu poder incomparavelmente criativo. Ele o revela para nós.

Ele no-lo revela ali onde ele nos habilita ao agradecimento. Cada "obrigado" é um sinal da nova criação. Cada "obrigado" testemunha que o outro que se volta para nós, não é "obrigado" a fazê-lo. Quando eu digo "obrigado", eu aceito o fato de viver do receber. Que também isto não é algo "natural", nós vemos ali onde o agradecimento ainda não é uma mera convenção: nas crianças; mas também em nós adultos, quando nos mostramos orgulhosos por não dever nada a ninguém. Agradecer do fundo do coração representa uma nova dimensão da vida. A realidade do agradecimento é, ao mesmo tempo, individual e universal, como o poder criativo do espírito. Ela é uma realidade também – e principalmente – no quarto de um hospital, na prisão, em um campo de concentração...

O espírito criador está operando ali onde amamos o próximo como a nós mesmos. Vimos o que isto significa.

Também este sinal do poder criativo de Deus é universal. Foi o samaritano que praticou o amor ao próximo. O espírito também é criativo fora da Igreja. Ele é criativo no sentido de criar o novo em cada ato, em cada palavra que rompe a cadeia da culpa e do castigo, que permite a graça preceder o direito. Ele é criativo no indulto aos terroristas, assim como adequado pagamento do trabalho; ali onde o médico não cobra os honorários de uma consulta, assim como ali onde um jornalista examina as notícias antes de publicá-las; ali onde homens fazem mais do que aquilo pelo qual são pagos, onde a verdade é mais valorizada do que a carreira, onde a visita a um doente é considerada mais importante do que um programa de televisão, onde uma pedra é tirada da estrada para aquele que vem atrás...

O espírito que se eleva a Deus do gemido de toda a criação, está presente em seu poder criativo ali onde mais árvores são plantadas do que derrubadas, onde a técnica é colocada a serviço da preservação da natureza, onde os conhecimentos da ciência estão a serviço de todos (não apenas dos privilegiados e dos educados) , onde animais não são mortos de forma criminosa. Quem enterra o lixo em vez de simplesmente jogá-lo pela vizinhança, age no poder do espírito criativo, vivificando, assim como Albert Schweitzer que, à noite, fechava as janelas para que as moscas não se queimassem em sua lâmpada... Podemos rir disso. Podemos rir da tolice destas sugestões ou de sua insignificância — ou de ambas as cousas. Mas neste caso estaríamos rindo dos sinais do espírito criador, dos sinais da vida. É verdade que são sinais. Mas sinais que sinalizam o caminho na noite. E eles não são ilusão. Estes sinais existem. Também nisto o espírito é criador, permitindo que vejamos os seus sinais.

Também a Igreja é, neste sentido, um sinal da vida, mesmo que insignificante, ridículo — ou ambas as cousas. E ainda assim ela constitui um sinal concreto do poder criativo do espírito. Com a criação de fé e amor, ele se torna concreto em nossa realidade. Ele já agora nos dá algo para ver, provar e ouvir. Ele se participa aos nossos sentidos: as catedrais e a capelinha no interior, a experiência comunitária no culto, o recebimento dos sacramentos, a voz viva do evangelho e da absolvição, do coro da igreja e do jornal da igreja, a mensagem do rádio ou da televisão — sinais palpáveis do espírito. Sinais concretos do espírito também são a administração da igreja, os grêmios diretivos, a cúpula, os contatos da igreja com outros setores da vida, o respeito

gozado por seus representantes...

Após o que foi dito no primeiro parágrafo sobre o elemento (auto-) crítico da oração pela vinda do espírito, deveria estar claro que a Igreja é um sinal da nova criação em meio ao mundo exatamente quando ela, com tudo o que ela é e representa, **não** procura a auto-afirmação. Ela é um sinal, não mais do que isto; pois um sinal não sinaliza a si mesmo, mas aponta para além de si. Através de um sinal se reconhece a realidade. O sinal tem a sua origem na realidade que ela sinaliza; ele não é e não cria esta realidade. Mas ela também **não é menos** do que um sinal da nova realidade. Na Igreja — onde ela, no entender do mundo, se arrisca — torna-se visível o poder da nova realidade. Ela se realiza, ela se torna concreta. E apenas porque ela se torna concreta, ela provoca o riso, a zombaria e a rejeição, mas também o consentimento. Por ser realidade palpável, sempre de novo seres humanos se solidarizam com ela, isto é, com os poderes da nova criação nela ativas.

A comunidade dos homens de boa vontade transcende os limites da Igreja. Também os filhos do mundo, adeptos de outras religiões, céticos e ateus, estão a serviço da nova criação — talvez sem que o saibam. Mas na Igreja isto é conhecido e reconhecido. Porque ela mesma é criada do nada pelo espírito, ela tem olhos para as criações do espírito também fora de seus limites. Exatamente por isso ela pode reconhecer com gratidão a atividade universal do espírito, sem atribuir a si mesma estes êxitos, respectivamente, sem rejeitá-los por não serem reconhecíveis como obra “eclesiástica”. Deste modo é possível para cristãos colaborar com não-cristãos sem “cobrar”, por isso lhes é possível tornar-se servos de todos sem que perguntem: o que minha igreja ganha com isso? Ela realmente está livre da coerção de usar suas atividades como meios para a auto-afirmação.

Assim as forças da nova criação são ativas, visíveis e reconhecíveis, como a cidade sobre o monte. Mas não apenas isto está incluído na oração “Vem, Criador”. O fato da Igreja de Jesus Cristo continuar a orar pela vinda do espírito criador, ainda que as forças e as realidades da nova criação já estejam em ação, também quer expressar o seguinte: a nova criação ainda não está concluída. E: temos certeza que a conclusão não deixará de vir. Ambas as cousas estão contidas na designação do espírito como “penhor” (2 Co 1. 22; 5, 5), assim como na expressão: nós temos as

“primícias” do espírito (Rm 8, 23); 2 Co 1, 22 diz: Deus depositou em nossos corações o penhor do espírito. Recebemos de Deus uma parte do pagamento total. Deus nos pagou a “entrada”, respectivamente, a primeira prestação. Com isso todo o negócio se tornou legal. Temos agora uma reivindicação legal a que o próprio Deus está sujeito. As primícias do espírito em Rm 8, 23 dizem a mesma coisa, independentemente do fato se entendermos a **aparchê** a partir da linguagem sacrificial do Antigo Testamento, ou se a interpretarmos igualmente como o penhor de um resgate. A coisa é a mesma: os cristãos tem o espírito, e “eles não gemem porque ainda não possuem o espírito, mas a despeito de tê-lo.” Na realidade da presença do espírito não se faz cortes. Pelo contrário, esta realidade é expressa concomitantemente com os perigos que ela corre no mundo. Neste sentido, ambos os termos contêm a dialética entre o “já” e o “ainda não”. Por já possuímos o espírito não ansiamos, com o resto da criação, apenas pela libertação da transitoriedade, mas a nossa **esperança** pela futura realidade da majestosa liberdade tem um **fundamento firme**.

Este é o **elemento escatológico** na oração pela vinda do espírito **criador**. A nova criação principiou. Ela motiva nosso “caminhar” no espírito. Caminhando no espírito, nós somos colaboradores de Deus na nova criação. Podemos colocar toda a ética cristã sob este título: “Porque” a nova criação começou, “por isso” o nosso agir, o nosso engajamento, a nossa luta têm uma motivação e uma meta. Nosso engajamento e nossa luta é a concretização de nossa oração pela vinda do espírito. Neste sentido, não há nada mais “ativo” do que a “oração” pela vinda do “espírito-criador”. Aqui também se revela até que medida o aspecto negativo salientado inicialmente por nós, ou seja, a destruição de todas as tentativas de auto-afirmação, não é outra coisa senão a liberação de todas as energias para a colaboração no sentido da implantação da nova criação. O espírito como criador é eminentemente construtivo. Nós sabemos que a consumação ainda está por vir, e cada jornal, cada noticiário o confirmam sempre de novo. Esta realidade é reconhecida em toda a sua crueldade, pois em meio a esta realidade e exatamente por causa dela a cristandade ora pela vinda do espírito criador. A oração pela ação do espírito-criador é uma oração feita com os olhos abertos para a realidade. Mas esta oração não se conforma com esta realidade; esta oração não representa a retirada do mundo. Mas ela é, simultaneamente, a confissão e o reconhecimento das forças já ativas da nova criação.

Mesmo que o contrário pareça ser o caso, podemos experimentar na fé as forças da nova criação já na velha realidade. Temos um ponto de apoio, um "antegosto" da consumação, porque experimentamos a nova criação do espírito em nós. **Nada nos resta fazer** no sentido de nossa perfeição. Temos a primeira prestação comprometedora de Deus. Desta forma, estamos completamente liberados para fazer **tudo** para o mundo e as criaturas de Deus. O fato da consumação em toda a sua totalidade abrangente ainda estar por vir não nos desanima, mas nos afasta da resignação e do desespero, nos estimula e incentiva. Nós mesmos nos tornamos sinais da nova criação! Fomos inseridos na criatividade do espírito através do qual Deus mesmo age em nós.

3. "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito" — ou o risco de Deus

A oração "Vem, espírito criador" confessa a desistência de todas as tentativas de auto-afirmação. Salientamos este elemento radicalmente crítico no primeiro parágrafo. A oração testemunha exatamente assim o poder criativo do espírito que cria vida do "nada". Este foi o tema do segundo parágrafo deste capítulo. Também já afirmamos que a oração pela vinda do espírito e suas conseqüências não são outra senão obra do próprio espírito, na medida em que ele nos livra da coerção de encarar a nossa auto-afirmação como critério. O espírito pode isso porque seu critério é Cristo. "Em Cristo" reconhecemos o princípio da vida nova e, com isso, o fim de nossa auto-afirmação. A oração pela **vinda** do espírito como o **criador** que cria vida do nada, se dirige ao espírito na medida em que ele é o **espírito de Cristo**.

Tentaremos explicitar isto mais uma vez conclusivamente — e isto tendo como pano-de-fundo a palavra vétero-testamentária que encontramos no profeta Zacarias. Ali podemos ler no cap. 4, 6: "Não por força nem por poder, mas pelo meu espírito, diz o Senhor dos exércitos." Esta máxima fórmula, por assim dizer, um princípio militar de Deus. Aqui se reflete o fato de Deus oferecer proteção marcial ao seu povo Israel em necessidade. Ele é aquele que se revela como o "Senhor dos exércitos". Como é que ele o faz? Ele se serve do seu **ruach**, de seu "espírito". O espírito de Deus separa um dos homens de Israel, transforma-o em um carismático, em líder do exército e, assim, em "libertador" de Israel (cf. Jz 3, 9!). Deus mesmo vai à guerra — esta foi a

experiência de Israel. A guerra de Israel era a “guerra santa” de Deus. O próprio espírito de Deus luta, Deus mesmo age e vence — em sua luta os israelitas somente “vieram em socorro do Senhor” (cf. Jz 5, 23). G. von Rad descreveu a história das concepções israelitas das guerras de Javé e mostrou como no decurso do tempo se fortaleceu a tendência de excluir cada vez mais qualquer participação humana: “não com a espada e não com o arco” — Is 24, 12.

Aqui está excluída qualquer participação de Israel na vitória militar, Deus mesmo e apenas ele é o vencedor.

Esta experiência é retomada pelo profeta Zacarias. A senha sob a qual Israel conduziu no passado as suas guerras, também vale no futuro, ou seja, em relação à proteção da nova Jerusalém. Zacarias rejeita radicalmente o emprego de meios humanos, políticos, militares: A proteção não se deve dar pela força militar, nem por qualquer outra força humana, mas “eu mesmo” quero fazê-lo.

Também aqui ocorre, portanto, a negação das possibilidades humanas de afirmar a Deus e a si mesmo. Também aqui temos a rejeição do emprego de meios de poder. Iguamente aqui encontramos o testemunho: Deus mesmo o faz. Mas ele o faz como Senhor dos exércitos.

O antagonismo nas palavras de Zacarias não está, portanto, entre o poder militar, visível, concreto, e a influência “espiritual” (o que Deus pode fazer com o seu “espírito” está em sua brutalidade no mais forte contraste com qualquer espiritualismo — cf. apenas o livro dos Juizes!), mas entre a ação de Deus e a dos homens. Isto deve acontecer pelo meu espírito — isto é, “eu”, o Senhor dos exércitos, o farei.

O fato de ser Deus que, segundo o testemunho do Antigo Testamento, vence as suas batalhas, também se revela no fato de seus “libertadores” não possuírem o “espírito” permanentemente, mas apenas para cumprir a sua missão. Este é o caso com Gideão e Jeftá, Sansão e também Saul: o espírito de Deus cai sobre eles. Este carisma se manifesta publicamente em vitórias espetaculares (cf. apenas o relato da guerra contra os midianitas levada a cabo por Gideão, Jz 7!). Mas depois nada lhes resta que os caracterizasse permanentemente como os portadores do espírito de Javé. Pelo contrário, eles caem em pecado, são humilhados, terminam em catástrofes, envolvem-se em confusões mortais. Conseqüentemente, estes testemunhos do espírito de

Deus, que permanece sendo o espírito de Deus e que parece antes destruir do que salvar aqueles que uma vez o possuíram, levanta a pergunta: "Onde está aquele que salvará o povo de uma forma não apenas provisória?" Também podemos dizer: Onde está aquele em que o espírito de Deus não se manifesta destrutivamente, mas construtivamente?

Ambas as perguntas Deus respondeu de uma forma nova em Cristo. Em Cristo Deus definiu a si e a seu espírito de uma forma nova e definitiva. **Desde Cristo a afirmação do profeta Zacarias recebeu um sentido diferente.** O que permanece, ali como aqui, é a confissão da ilimitada soberania de Deus. Se anteriormente interpretamos o "vem" negativamente como a exclusão de qualquer auto-afirmação humana, então nos encontramos em total concordância com o testemunho de Israel sobre a guerra santa que exclui qualquer sinergismo humano. E repetimos a mesma coisa quando falamos do significado axiomático do primeiro mandamento. Não é aqui, portanto, que está a diferença.

A diferença está no fato de Deus ter definido em Cristo seu espírito de uma vez para sempre. **De uma vez para sempre** — Deus não mais retirará o seu espírito daquele que confessamos como o filho de Deus. Por isso é tão importante para o Novo Testamento testemunhar que Deus conferiu definitivamente o seu espírito a Jesus Cristo. Mesmo que o Novo Testamento expresse isso de diversas formas, seja pela concepção segundo a qual o exaltado recebeu o espírito de Deus, seja pela concepção de acordo com a qual o recebimento do espírito ocorreu quando do seu batismo, o "concebido pelo Espírito Santo" inserido no Credo tem a sua importância exatamente no fato de sublinhar tão categoricamente o caráter definitivo da posse do espírito por Jesus Cristo: quem já deve a sua existência física ao Espírito Santo, a este ele não pode ser mais tomado, como ocorria aos carismáticos do livro dos Juizes.

Mas exatamente se levamos a sério isso, se confessarmos Jesus Cristo como a criação do espírito divino, torna-se inevitavelmente claro o contraste com a palavra de Zacarias em seu sentido original. Pois não é verdade que este homem concebido pelo espírito terminou da mesma forma como os ex-carismáticos abandonados pelo espírito? Sua humilhação, seu fim catastrófico — como é que isso rima com a confissão "concebido pelo Espírito Santo"? Aqui realmente existe apenas uma alternativa: Ou ele não é o filho

de Deus — ou Deus não mais quer ser conhecido como o “Senhor dos exércitos”. Se Cristo efetivamente “tem” o “espírito” de Deus, e nós o confessamos, então o “espírito” deve ter-se transformado em outro. Então Deus evidentemente não quer se revelar como o Senhor dos exércitos”, mas como o Pai de Jesus Cristo.

O que isso significa já foi sugerido pelo Antigo Testamento. E isto não apenas naquela pergunta não-formulada por um portador permanente do Espírito de Deus, mas também no pressentimento de que Deus revelará o seu espírito, isto é, a si mesmo de uma forma totalmente nova, ou seja, naquele servo do qual é dito: “Não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso”. Um motivo de horror para muitos — “assim causará admiração às nações, e os reis fecharão as suas bocas por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão” (Is 53, 2 e 3; 52, 14 s).

Este elemento novo nós reconhecemos em Cristo. É verdade que Deus permanece o Todo-poderoso, o Senhor dos exércitos. Mas ele sabe que precisamos mais urgentemente da impotência do amor do que da vontade do poder. Não mais com o seu poder — com o seu amor ele interfere em nosso mundo — por nossa causa, por causa do mundo. Cristo representa esta renúncia do poder por parte de Deus, renúncia esta motivada por seu amor por nós. O Messias nascido do espírito de Deus (Mt 1,18), desiste da espada como forma de proclamar o poder divino, ele desiste, frente a frente com a morte, de pedir ao Pai que “lhe mande neste momento mais de doze legiões de anjos” (Mt 26,53). E ele decepciona as esperanças de seus discípulos que esperavam e esperam dele a libertação de seu povo (Lc 24,21). Pois com ele, o carismático torturado e morto, o servo desprezado e abandonado, Deus se identificou. Aquele “do qual não fizemos caso”, a este Deus ressuscitou e colocou à sua direita. Nele, que como ressuscitado ainda traz as cicatrizes da crucificação, vemos o que jamais foi contado e reconhecemos o inaudito.

Neste portador do espírito Deus revela seu poder criativo. Apenas porque ele o fez, estamos em condições de

orar pela vinda do espírito sem o temor de sermos destruídos pelo Deus todo-poderoso. A revelação do espírito de Deus não é mais idêntica com a destruição de todos que se opõem a Deus — e estes somos todos nós. Na exaltação daquele que foi crucificado, desprezado, ridicularizado ou apenas criticamente colocado de lado por nós, Deus demonstrou seu poder **criativo**, como superação da morte, da culpa e da resignação. Um poder que é criativo na impotência; vivificante na morte, perdoador na culpa, um poder que cria esperança no desespero. Este não é outro senão o poder criativo do amor em relação a nós, que estamos envolvidos em culpa, que nascemos para morrer, que nascemos no inferno porque uma esperança após outra se revela como ilusão.

Vem, **espírito** criador. Com isso nós temos a promessa de Deus de que ele não mais nos destruirá com a sua violência, mas que ele voltou o seu amor a nós em Cristo. Baseados na revelação do amor divino no crucificado, podemos arriscar-nos a complementar o hino de Paulo: Nada nos pode separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus — nem Deus mesmo. Deus está definitivamente, de uma vez para sempre, a favor de nós — este é o novo espírito, o espírito criativo de Deus. “Se Deus é contra nós, quem ou que será por nós?” Nosso prestígio? Nossa moral? Nossa identidade? Nossa nação? Nosso status? Nossa teologia? Nossa práxis? Nossos amigos? Nossos princípios? — Nada disso!

Seria então o inverso o caso? Teria razão o radicalismo que diz: tudo isso é “contrário a Deus”: nossos sucessos, nossa moral, nossa igreja “do mundo”, as alegrias do dia-a-dia, a beleza da natureza, os resultados da ciência, as conquistas da técnica, as relações eróticas entre os sexos — tudo isto nos separaria de Deus, tudo isso deveria ser rejeitado e “superado”, pelo menos pelos cristãos? Sim, assim deveria ser, se não pudéssemos amar a Deus como somos. Mas nós o podemos no nome e no espírito de Cristo: Por sua causa “sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus...” (Rm 8, 28). Diante de Deus apelamos para aquilo que Deus fez em Cristo: Quem será contra nós, se Deus é por nós?

○ espírito de Cristo nos liberta da negação ascética do mundo, assim como de nossa obsessão de usar o “mundo” para a nossa auto-afirmação. Pois ambas constituem um abuso do mundo como criação de Deus. Pelo

contrário, ele nos liberta para sermos cooperadores, para que a criação se torne novamente "muito boa". E Deus nos mostrou em Jesus Cristo qual o espírito que nos deve orientar nesta tarefa: não o espírito da violência nem o da rejeição, nem o da resignação nem o da imposição, nem a retirada da miséria do mundo e nem a tentativa de melhorar a moral do mundo com os meios do mundo (como se a proibição do divórcio pudesse "salvar" o casamento e a família). O que nos deve guiar é o espírito da não-violência e da solidariedade incondicional, o otimismo da ação inteligente e imaginativa que se coloca a serviço do outro. Em resumo: não o espírito da força e do poder, mas o espírito de Cristo.

Vem, espírito criador. Este é o chamado daqueles que são financeiramente e "espiritualmente" pobres; daqueles que choram pelo sofrimento dos outros e pela sua própria impotência; este é chamado dos mansos que são ridicularizados porque não são "efetivos"; este é o grito por justiça dos oprimidos e daqueles que não podem ajudá-los; dos misericordiosos confrontados com o muro intransponível da maldade; daqueles que são de coração puro, mas não podem resistir à tentação; dos pacificadores que são forçados a se tornar motivo de novas lutas; é o chamado dos justos que são perseguidos, porque a sua justiça é o escândalo da injustiça; ele é — em resumo — o chamado daqueles que são discípulos daquele Senhor em que Deus "verificou" estas bem-aventuranças.

Ele é o pobre que impotentemente representa o Reino de Deus na terra, ele, cuja morte os seus choram, é o seu consolo; ele recebeu a terra como herança; ele suscita e satisfaz nossa fome e sede por justiça, ele próprio uma vítima da justiça terrena; ele nos torna misericordiosos como aquele que, ainda pendurado na cruz, mostra misericórdia e interesse; ele exposto às tentações como todos nós, e, ainda assim, obediente à vontade do Pai; ele, o pacificador entre Deus e o mundo, e por isso o Filho de Deus que nos torna em filhos porque somos seus irmãos, e mais uma vez ele, o justo, em que, para o escândalo do mundo, raiou o Reino de Deus.

A este a Igreja reconhece como o ressuscitado por Deus; Ele é a revelação da presença do espírito criador. Deus mesmo vinculou a si, o seu espírito, através do qual ele pretende criar o novo, a esta figura desprezada. Ela é e permanece o critério concreto para o agir do espírito divino: ele transforma os pobres em participantes do Reino de Deus, ele está presente onde são consolados aqueles que choram,

aos meigos ele concede o otimismo criativo para que herdem a terra. Ele é o que sacia a sede por justiça; ele é o que mostra misericórdia; ele é o que descobre a face de Deus; ele é o que faz a paz e nos torna filhos de Deus; ele é a causa da perseguição dos justos e é o seu advogado, ele confere a certeza de que o "seu Reino é nossa herança".

Este seria o esboço de uma fenomenologia *cristã* do espírito. Não é preciso que a exponhamos aqui em todos os seus detalhes. Cada cristão, ou melhor, o espírito de Cristo a concretizará. Apenas isto está bem claro: o espírito de Cristo transcende os limites da Igreja constituída e está presente em todos os lugares e em todos os tempos. Ele está, por assim dizer, sempre já bem à frente de nosso cumprimento cristão do mandamento da missão. E ele mostra uma clara simpatia por aqueles que nós denominamos de marginalizados e oprimidos. "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos" (Lc 4, 16, 30).

O espírito de Cristo também demonstra os seus frutos junto àqueles que nada sabem de Cristo. Ali onde se instaura a paz, onde se exerce a misericórdia e onde se clama por justiça; também ali onde se luta pela justiça com a violência? Eu não o sei. Eu apenas sei que Deus não mais quer demonstrar o seu espírito através de seus "exércitos". Desde Cristo a violência se tornou definitivamente ambígua. Quem emprega a violência, jamais o poderá fazer em nome de Deus, do pai de Jesus Cristo, mas apenas no reconhecimento de que também a violência praticada com a melhor das intenções não é "nada" em si. Se e até que ponto Deus ainda a aceita e emprega para o bem dos homens, isto apenas saberemos no dia do Juízo Final.

O que já *agora* sabemos *com certeza* é que ele está presente na não-violência, no sofrimento, na perseguição, no grito dos torturados e mortos por causa da justiça, e que ele não abre mão de nós quando estamos sós e abandonados por todos, que ele-nos vivifica quando nada nos resta senão gritar e lançar o nosso tormento à face de Deus. Esta garantia ele nos mantém diante dos olhos em Cristo. Seres humanos creiam nisto; eles creiam no amor de Deus revelado em Jesus Cristo e não creiam no argumento do risco. Eles experimentaram que o espírito de Deus se revela criativo exatamente no "nada". Ali onde estamos no fim, no

fracasso, na miséria, na culpa, no desespero, na tortura, na morte: aqui e com toda certeza aqui Deus quer criar uma nova realidade. Se quisermos falar do risco, então o risco é de Deus mesmo. Deus mesmo correu este risco, revelando o seu amor por nós no Messias crucificado e morto.

Onde a cristandade louva a ressurreição de Jesus, ali ela mostra ter compreendido como Deus quer ser o criador a partir de agora. "Ele realmente ressuscitou." Este é o júbilo daqueles que não mais consideram um risco a confiança no espírito de Jesus. A confissão da ressurreição do Filho de Deus morto na cruz é a prova de que a cristandade, a totalidade dos filhos de Deus, reconheceu como a palavra de Zacarias "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito" deve ser entendida e interpretada desde Cristo.

Vem, espírito criador. "Nós" não podemos realmente orar isto. Mas onde esta oração toma lugar, ela mesma é a nova criação do espírito de Deus, e a nova realidade já agora raiou definitivamente em nós, por causa de Cristo e, por isso, também por nossa causa. "Vem, espírito criador". Esta nossa oração é a realidade palpável de Deus em nosso meio. Não mais do que isto? Não – não menos do que isto! Deus mesmo fala esta oração em nós, e o que Deus fala, acontece.